

cada momento da nossa história, reconhecendo que as realizações não são propriedade de nenhum setor isolado, mas a resultante das convicções e realizações de todos.

Não há problema em solo gaúcho que juntos não possamos enfrentar e vencer, sem abrir mão das nossas diferenças, origens, ideologias e convicções.

Temos que construir mais democracia e respeito à vontade da sociedade, particularmente dos que mais precisam.

É preciso agir com rigor contra a corrupção, seja de indivíduos ou corporações, pública ou privada. Qualquer que seja a sua face.

Enfrentar e vencer todas as violências, das ruas, das drogas e do trânsito que matam nossos jovens de modo estúpido.

Há que se exigir do serviço público estadual planejamento com metas a serem alcançadas, transparência e articulação social.

A sociedade deve ter ferramentas e informação para avaliar os resultados e não podemos ter temas proibidos.

O Rio Grande do Sul precisa de um governo inovador.

Um governo que prime pelo diálogo com todas as forças que integram a nossa sociedade. Um governo que entenda a caminhada histórica deste Estado. Um governo com capacidade de trânsito na esfera nacional, que acabe com o isolamento político a que estamos submetidos há tanto tempo. Um governo que acolha as opiniões de todos como propostas para melhorar nosso desempenho político e econômico. Um governo que faça com que o Estado do Rio Grande pertença à gente gaúcha e conheça as suas necessidades e uma sociedade disposta a

se engajar nos desafios que são de todos nós.

Por isso, depois de oito anos de mandato de Deputado Estadual, quase doze de Deputado Federal, com a rica experiência de ter sido Secretário dos Transportes do Governo Olívio Dutra por quase quatro anos, ter atuado no governo e na oposição, no Legislativo e no Executivo, me vejo no dever de ousar e propor esta reflexão aos gaúchos sobre o nosso futuro.

Disse aqui o que acredito.

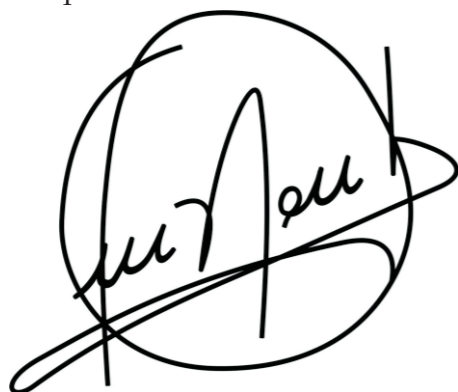
Dirijo-me aos homens e mulheres da política, mas fundamentalmente quero falar também com aqueles que não tem e não querem ter partidos, nem observam a política pela ótica estreitada pelas eleições.

Acredito no meu Estado e no seu povo e não compartilho da política do “quanto pior, melhor”. O momento que o Rio Grande do Sul vive exige desprendimento dos interesses individuais e partidários. Temos todos o dever de pensar grande e unir esforços para elevar o nosso Estado ao patamar de importância na política nacional que sempre tivemos e que é necessário ao nosso país.

Um Estado que já ofereceu ao Brasil expressões políticas que contribuíram para a construção da nação brasileira, precisa recuperar o respeito e a influência que sempre teve nas decisões nacionais.

Não tenho qualquer pretensão de achar que sei sobre tudo e tenho claro que este é um desafio a ser enfrentado por muitas mãos, homens e mulheres que acreditam na política como um instrumento para fazer o bem. Apenas desejo que olhemos o futuro com esperança e sabedoria.

A política, para mim, só tem sentido se consegue melhorar a vida das pessoas.



Um grande abraço.

Deputado Beto Albuquerque

É hora de pensar o futuro do Rio Grande

É hora de pensar o futuro do Rio Grande

Neste ano teremos eleições. Se seguíssemos a normalidade da política, já seria hora de definições que interessam aos partidos e a nós, políticos. Candidaturas, coligações, propostas, enfim, tudo aquilo que nas preocupações diárias, nos desafia e encanta.

Porém, penso que devemos, desta feita e antes de qualquer decisão política e eleitoral, exercermos uma necessária reflexão sobre o futuro do nosso Rio Grande do Sul.

Nosso estado é grande em virtudes, potencialidades, tradições e vocações. Aqui crescemos ouvindo falar bem das nossas lutas e das nossas convicções. Sempre lutamos muito e temos orgulho de ser gaúchos.

Mas, ainda que continuemos orgulhosos do nosso Rio Grande, hoje, como nos últimos anos, temos visto os gaúchos do campo e da cidade sofrerem com as dificuldades que nosso Estado enfrenta.

A seca e a chuva assolam nossas regiões de forma cíclica e não temos uma estratégia definida sobre isso. Frustram-se safras e o agricultor endivida-se e empobrece. Aliás, no campo a crise é permanente e vem de longe.

Como Estado exportador temos que enfrentar a concorrência internacional, a vulnerabilidade cambial, desigualdades tributárias e a apropriação pelos governos dos créditos de exportação. Vemos reduzir a produção, os negócios, os empregos, a renda dos gaúchos e a participação do Estado na economia nacional. Sofrem os municípios que arrecadam menos e cada vez recebem mais responsabilidades e o povo que se vê tolhido de serviços públicos e infraestrutura necessários e de melhor qualidade.

O ensino público estadual gaúcho já foi referência para o Brasil. Apesar disso, nossa educação não vai bem. O tratamento aos professores não é bom e o aprendizado de nossas crianças padece com isso. Uma área que é vocacionada para formar cidadãos vive

conflagrada, sem entendimento, respeito e soluções. Não há qualquer mediação. Além disso, esforços para melhor gerenciar o sistema, como vêm sendo empreendidos em outras unidades da federação, aqui são ignorados ou discutidos de forma preconceituosa, sem o devido debate que permita o uso do ferramental teórico disponível.

Também vemos a Universidade Pública Estadual, a UERGS, diminuída na sua importância e sem sua autonomia consolidada.

“Não há problema em solo gaúcho que juntos não possamos enfrentar e vencer, sem abrir mão das nossas diferenças, origens, ideologias e convicções.”

Na segurança, os policiais militares, civis e agentes penitenciários não têm sua justa remuneração. Temos pouco efetivo policial nas ruas, desestímulo geral e, no dia-a-dia, a violência, os assaltos, os homicídios, os roubos de carros, as drogas e o tráfico, atormentam os cidadãos e as famílias gaúchas. Igual desprestígio observa-se junto aos funcionários do quadro geral e técnicos científicos.

E a saúde? O que pode pensar o cidadão desse serviço que parece, nos seus piores momentos, não estar ao seu alcance? Os municípios se esforçam para melhorar a qualidade dos serviços e muitas vezes conseguem, apesar de se verem sugados nos recursos pelos governos estadual e federal.

Poderia prosseguir e discorrer sobre mais sofrimentos e mazelas que atordoam nosso povo, mas acredito que o momento é de falar no futuro que podemos construir, melhor, diferente e próspero para todos.

Somos exportadores de gente capaz:

empreendedores, trabalhadores, agricultores, professores e pesquisadores. Gaúchos estão em todo o Brasil e no mundo com pleno sucesso. Exportamos essas pessoas e empresas porque somos bons e porque nosso Estado é rico em potencialidades naturais e humanas. Mas por qual razão, com tudo isso, nos vemos em tantas dificuldades?

O impasse que o Rio Grande enfrenta já há vários governos é essencialmente político. Impasse expresso na incapacidade de construir uma agenda mínima de consensos para enfrentar os impasses estruturais do Estado; na irracional interrupção de políticas de interesse público quando há a mudança de governo, em nome das paternidades partidárias. O exemplo de maturidade que vemos no governo Lula, um governo agregador e capaz de dar continuidade a algumas políticas corretas do período anterior, infelizmente não plantou raízes em nossa política, que nos últimos anos ao invés de fonte de soluções, se constituiu num dínamo gerador de crises e impasses. É hora de virar essa página, e de construir um ciclo de entendimento na política gaúcha.

Creio que sem abrir mão do nosso jeito, das nossas ideologias, das nossas origens históricas, podemos, inclusive nas divergências, construir soluções. Não podemos continuar nos esforçando para impedir o outro de acertar, comprometendo assim o desenvolvimento de todos.

O futuro dos gaúchos passa por ações inovadoras e convergentes nos propósitos e por um modelo de desenvolvimento que agregue tecnologia ao que já produzimos e qualifique nossa gente trabalhadora cada vez mais.

Vejo um Estado agrícola e com alta qualidade no agronegócio e uma importante agricultura familiar, um espetacular parque industrial já instalado e mão-de-obra das melhores do Brasil. Temos o pólo naval mundial, instalado na cidade do Rio Grande, Pólo Petroquímico, refinaria, e tantas outras âncoras



Deputado Beto Albuquerque

do desenvolvimento.

Ao mesmo tempo podemos ser os melhores do Brasil em alta tecnologia. Temos aqui a empresa pública CEITEC, que abre as nossas portas para a indústria de semi-condutores. É a primeira fábrica do gênero na América Latina e está em Porto Alegre, funcionando.

Temos um grandioso espaço de pesquisas públicas e empresariais, uma forte presença de empresas de eletrônicos e de software, um amplo conhecimento desenvolvido e armazenado nas nossas universidades públicas e não públicas. Temos também parques e pólos tecnológicos já instalados ou em instalação, centros de inclusão digital e institutos de pesquisas. Tudo com amplo campo para ser otimizado e ampliado em todas as regiões e em todas as vocações produtivas que já temos ou ainda alcançaremos.

Temos que consolidar o Rio Grande do Sul como um estado moderno, ousado, inovador, empreendedor e gerador de oportunidades.

Se não bastasse, já acumulamos estudos, projetos de desenvolvimento e propostas elaboradas com a qualidade do empresariado gaúcho, dos trabalhadores e da sociedade civil organizada, dos partidos políticos, da Assembleia Legislativa, da FAMURS e dos nossos COREDES, conhecedores das necessidades regionais e locais. Tudo já foi exaustivamente debatido e disto se fizeram reflexões e prospecções dos desafios, tarefas e do futuro do nosso Estado.

É hora de fazer. De se construir competência gerencial no governo e usá-la para atingir objetivos. Hora de soldar as pontes com o poder central, seja quem for o próximo Presidente da República. Articular nossos pleitos e necessidades, planejar de forma permanente para estarmos inseridos nos mesmos patamares de desenvolvimento que encontramos Brasil afora.

É hora de valorizar a pluralidade da política gaúcha e extrair o que de bom houve em